

## O Cotidiano Faxinalense e o Faxinal da Cachoeirinha - Imbituva/PR (1930-1980)

*The Faxinalense Everyday and the Cachoeirinha Faxinal – Imbituva/PR (1930-1980)*

Dener Cristi dos Santos<sup>1</sup>, UNICENTRO

### Resumo

Este artigo analisa o cotidiano e as mudanças no faxinal da Cachoeirinha, em Imbituva-PR, entre as décadas de trinta e oitenta do século XX. Tal recorte possibilita a compreensão do cotidiano faxinalense, assim como do não - cotidiano, através de mudanças ocorridas progressivamente, que alteraram profundamente a dinâmica econômica, social e cultural existente na região. Foca nas práticas cotidianas, como agricultura e criação de animais, que eram vitais para a sobrevivência dos moradores e revelam relações culturais, conflitos sociais e resistências. Baseando-se em conceitos de faxinais como comunidades tradicionais no Paraná, a pesquisa utiliza a história oral e entrevistas com moradores para compreender suas representações e memórias coletivas.

**Palavras-Chave:** Cotidiano; Faxinal; Comunidades Tradicionais.

### Abstract

This article analyzes the everyday life and changes in the "faxinal" of Cachoeirinha, in Imbituva-PR, between the decades of the 1930s and 1980s of the 20th century. This segment enables an understanding of both the daily life of the "faxinal" community and the non-daily aspects, through progressively occurring changes that profoundly altered the existing economic, social, and cultural dynamics in the region. It focuses on daily practices such as agriculture and animal husbandry, which were vital for the residents' survival and reveal cultural relationships, social conflicts, and resistances. Drawing on the concepts of "faxinais" as traditional communities in Paraná, the research employs oral history and interviews with residents to comprehend their representations and collective memories.

**Keywords:** Everyday; Faxinal; Traditional Communities.

### Introdução

No Paraná do final do século XIX, alguns povoados rurais organizavam-se socialmente diferente dos demais povoados do Estado. Com forte organização comunitária e com a presença de uma cultura singular, pautada em costumes e práticas cotidianas ligadas fortemente na relação com a terra; camponeses e agricultores paranaenses formavam comunidades e povoados rurais tradicionais, que posteriormente foram definidas como “faxinais” e/ou “sistemas faxinal”. Formados na maioria das vezes por núcleos familiares, os faxinais contam com diversas características consideradas singulares, como a organização social comunitária, o desenvolvimento da agricultura de subsistência, o uso comum da terra para a criação de animais soltos e os saberes tradicionais praticados.

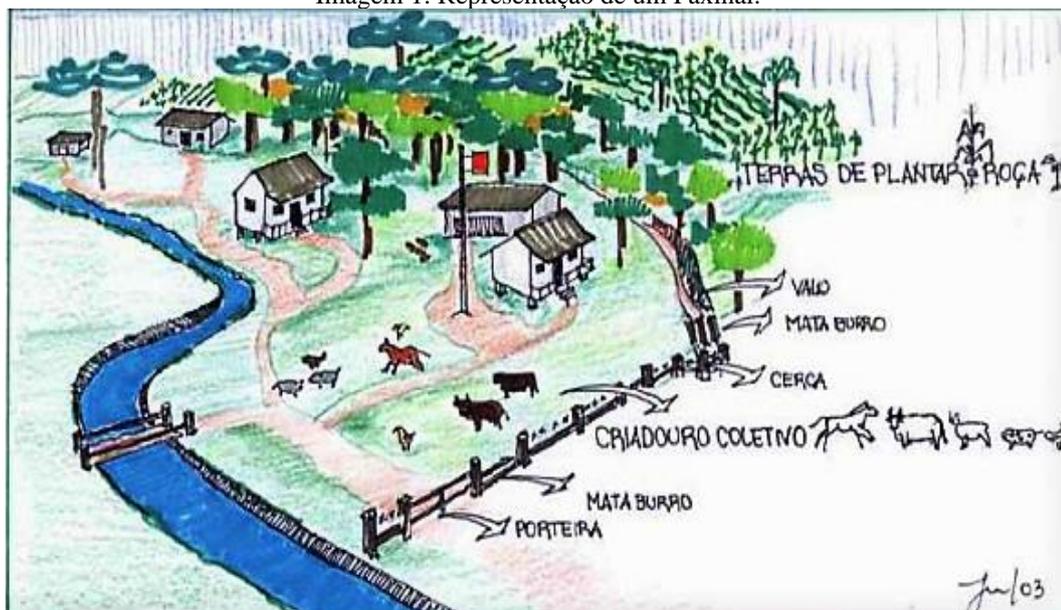
---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO).

Os faxinais são considerados através dos estudos recentes, comunidades tradicionais que tiveram sua formação no Paraná, a partir do século XIX. Porém outras conceituações podem ser verificadas em pesquisas relacionadas. Neste sentido, faxinal também pode ser entendido como um modo ou sistema de vida típico; ou também como uma forma particular de organização econômica camponesa (CHANG, 1988).

Os faxinais exercem o uso comum da terra, por meio dos “criadouros comunitários”, espaços destinados a criação de animais à solta. O espaço do criadouro possui um ou mais proprietários, sendo propriedades privadas, no entanto com uso comum. O criadouro comunitário se constitui em um espaço cercado de pastagens, que conserva a coletividade mediante a produção consensuada de práticas sociais internas e laços de solidariedade. É nesse espaço que se encontram as moradias, normalmente cercadas em pequenas áreas de terra denominadas de quintais, lugar de produção de hortaliças e pequenas culturas de subsistência. Ao redor do espaço de uso comum, ou mesmo distante, encontra-se o complemento do faxinal, isto é, as áreas de lavoura, compostas geralmente, de pequenas parcelas de terra de uso agrícola privado onde prevalecem as culturas do milho, fumo, feijão e arroz (ROCHA e MARTINS, 2007, p. 210). Os criadouros comunitários envolvem, além de um espaço de uso comum, toda uma dinâmica social. Neste espaço ocorrem práticas sociais e relações entre os sujeitos faxinalenses.

Imagem 1: Representação de um Faxinal.



Fonte: SAHR, 2003.

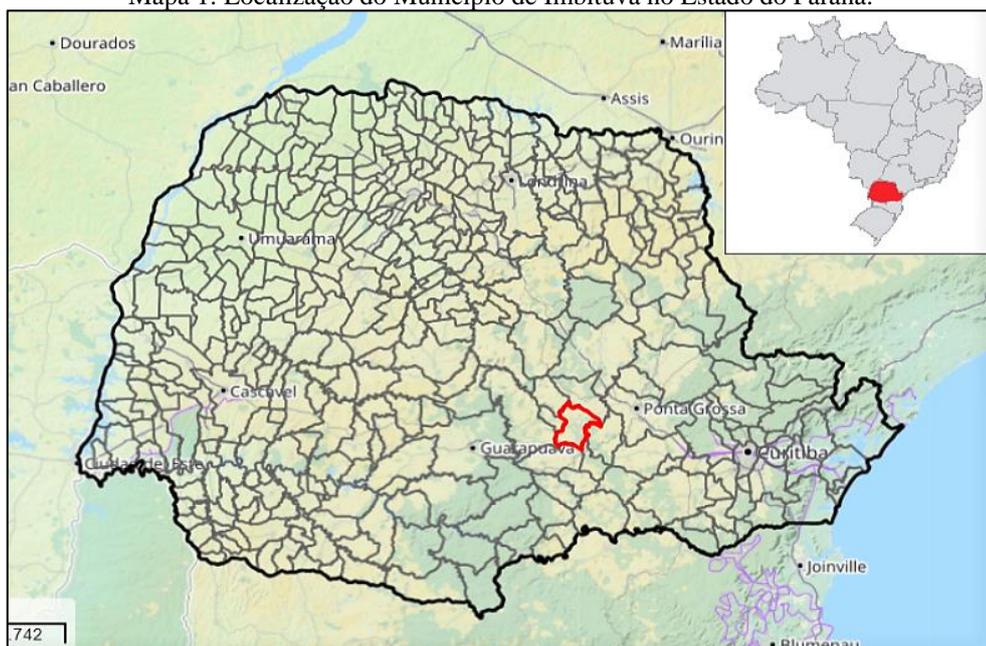
Os faxinais atualmente são reconhecidos enquanto pertencentes à categoria dos Povos e Comunidades Tradicionais, que segundo o Decreto Federal nº 6040, de 7 de fevereiro de 2007, se constituem em:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, s/p).

A partir da década de 1960, os faxinais entram em um contexto de diferentes mudanças econômicas, sociais e culturais. Mudanças que ocorreram principalmente por conta da introdução das relações capitalistas no campo paranaense, impostas pelos planos do governo militar da época, que tinham o objetivo de desenvolver economicamente as regiões de campo brasileiras. Em decorrência deste contexto, muitos dos faxinais existentes no passado foram totalmente desarticulados e/ou desagregados.

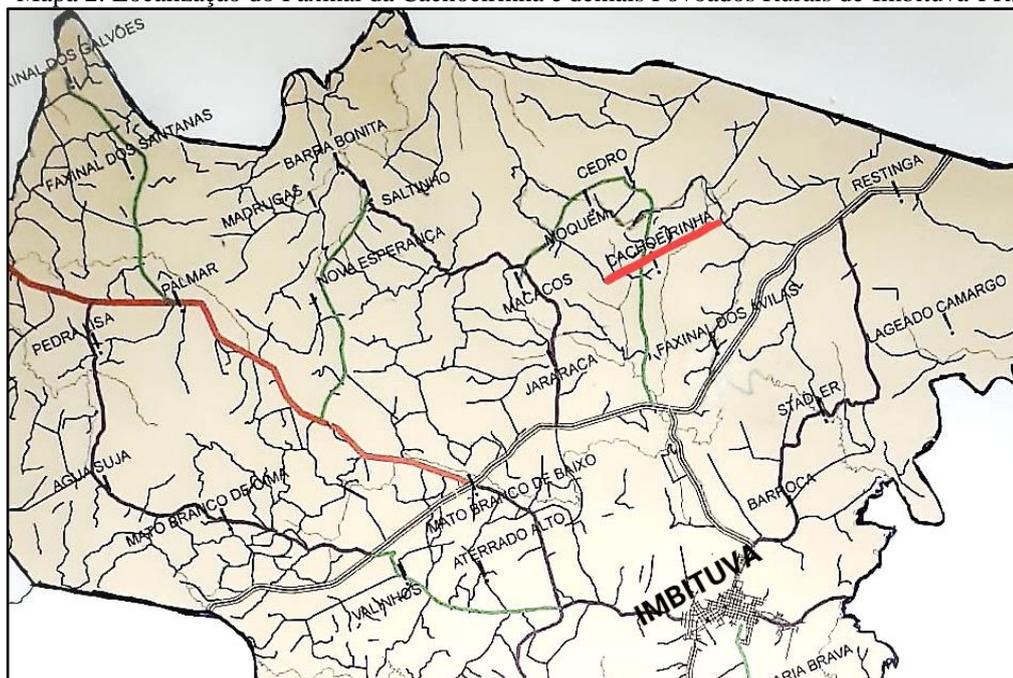
O faxinal da Cachoeirinha, objeto deste artigo, localiza-se próximo à rodovia PR-373, no município de Imbituva-PR e faz fronteira com os povoados e comunidades de Faxinal dos Ávila, Jararaca, Cedro, Moqué, Macacos e Restinga. O trecho da rodovia que passa pela comunidade liga as cidades de Guarapuava e Ponta Grossa, passando por Prudentópolis, Guamiranga e Imbituva. Abaixo, os mapas indicam em vermelho a localização geográfica do Estado do Paraná, do município de Imbituva e do faxinal da Cachoeirinha:

Mapa 1: Localização do Município de Imbituva no Estado do Paraná.



Fonte: Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná (ITCG), 2022.

Mapa 2: Localização do Faxinal da Cachoeirinha e demais Povoados Rurais de Imbituva-PR.



Fonte: Secretaria Municipal de Habitação de Imbituva-PR, 2021, editado pelo autor.

Atualmente, o faxinal da Cachoeirinha conta com aproximadamente duas centenas de moradores. A maioria das famílias praticam a fumicultura e a utilizam como principal fonte de renda. Além dos fumicultores, alguns moradores trabalham em firmas e empresas na área urbana ou são funcionários públicos. No período compreendido entre as décadas de 1930 e 1980, a comunidade contava com cerca de meia centena de moradores, que em sua maioria exerciam diferentes atividades econômicas, como: a extração de madeira e erva-mate nativa, a criação de animais em espaços abertos e a agricultura de subsistência. Alguns moradores trabalhavam em uma madeireira que existia no faxinal, cujo dono também era morador.

Este artigo tem como objetivo analisar as práticas, saberes e costumes que se expressavam cotidianamente no faxinal da Cachoeirinha, entre as décadas de trinta e oitenta do século XX. O cotidiano nos apresenta uma ampla rede de significados, de saberes tradicionais e de relações de poder que envolvem diferentes interesses e grupos, e expressa relações estabelecidas socialmente que são permeadas por ações dos sujeitos, e “arquitetadas” por estruturas sociais. O cotidiano é o espaço e o tempo que demonstra “pistas” para compreendermos contextos históricos, políticos, culturais e econômicos de determinado povo, sujeito, comunidade, etc.

Dada a amplitude do cotidiano faxinalense e as diversas relações que neste se apresentam, focamos em compreender neste artigo especificamente como era o cotidiano relacionado às práticas agrícolas e a criação dos animais, atividades típicas dos faxinais. Frente

a isso, buscamos entender como era o cotidiano no momento anterior as grandes mudanças ocorridas que deram fim ao faxinal da Cachoeirinha, além de analisar como e por quais motivos estas começaram a se manifestar progressivamente. As diversas mudanças ocorridas na comunidade faxinalense, além de interferirem diretamente nos sistemas de criar e plantar utilizados pelos moradores, modificaram também seus cotidianos, suas relações, costumes e até mesmo as relações de disputas pelo poder, gerando assim um leque de conflitos que envolvem o uso e a posse da terra, pleiteados por diferentes grupos e interesses. Para argumentar acerca destas mudanças, analisamos as transformações nos elementos constituintes do que chamamos de cotidiano faxinalense, como as práticas típicas relacionadas a criação de animais soltos e a agricultura de subsistência.

### **Metodologia**

Para a construção das análises pretendidas, recorreremos ao uso de fontes fotográficas e fontes escritas, além de, principalmente, narrativas orais das moradoras da Cachoeirinha, Maria de Lourdes do Carmo Santos e Maria Dolores Galvão.

Maria Dolores Galvão sempre foi camponesa e dona de casa, possui noventa e três anos e é moradora da Cachoeirinha desde que nasceu. É viúva e mãe de seis filhos. Atualmente é aposentada como agricultora. Sempre foi uma das lideranças da Igreja Católica da Cachoeirinha e carrega o título de ser a moradora mais velha do faxinal da Cachoeirinha. Maria de Lourdes também morou no faxinal desde que nasceu. Sua família foi uma das primeiras a chegar no faxinal, durante o século XIX. Em sua vida teve dez filhos.

Através de entrevistas com as moradoras, é possível reconhecer as experiências vividas e transmitidas pela memória sobre o faxinal da Cachoeirinha. O que permitirá uma problematização sobre o cotidiano, as mudanças e permanências de diferentes práticas nesse território. Entendemos que as entrevistas são resultado de produções, estabelecidas no diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. Procuramos utilizar os relatos com a intenção de “rachar as palavras”, como diz Montenegro (2006). Neste sentido, buscamos compreender os relatos das moradoras considerando que a produção do discurso e da memória estão inseridas em um contexto sociocultural. Neste sentido, a metodologia empregada nesta pesquisa baseou-se principalmente na perspectiva da história oral.

[...] na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de

pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação (FERREIRA e AMADO, 2006, p. 14).

A partir da metodologia da história oral foram realizadas duas entrevistas com duas moradoras idosas da comunidade faxinalense da Cachoeirinha. Uma das entrevistas foi realizada pela Historiadora Cleusi Bobato Stadler e cedida gentilmente para o autor. As entrevistas tiveram a finalidade de registrar os relatos acerca da época de interesse. Os relatos obtidos nos possibilitaram o resgate histórico a partir da memória das moradoras sobre a vida cotidiana na época do sistema faxinal, e nos auxiliaram na reconstrução das tramas da História de um faxinal que nunca fora registrada.

### **Os Faxinais: Comunidades Tradicionais**

Como já descrito na introdução do artigo, os faxinais consistem em comunidades que tiveram sua formação de forma tradicional no Estado do Paraná, a partir do século XVIII. São entendidos também como um modo ou sistema de vida típico, ou como uma forma particular de organização econômica camponesa (CHANG, 1988) e apresentam em seus cotidianos práticas e costumes singulares, de forte caráter comunitário.

De acordo com Chang (1988), o sistema faxinal é dividido em duas áreas: uma área comum para pecuária e uma área de plantio, além disso, a estrutura é baseada em quatro princípios socioeconômicos: a exploração dos recursos naturais, a exploração e manutenção das florestas, a pecuária extensiva em criadouros coletivos e plantações individuais.

Institucionalmente, os faxinais passam a ser reconhecidos como “modo de vida”, “comunidade” ou “sistema” pelo Estado do Paraná a partir do Decreto Estadual nº 3.446 de 1997, que reconhece os faxinais como:

[...] sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná, que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental. Fundamenta-se na integração de três componentes: a) produção animal coletiva, à solta, através dos criadouros comunitários; b) produção agrícola – policultura alimentar de subsistência para consumo e comercialização; c) extrativismo florestal de baixo impacto – manejo de erva-mate, araucária e outras espécies nativas (PARANÁ, 2006, s/p).

O decreto de 1997 além de apresentar uma das primeiras definições “oficiais” em relação aos faxinais, também os configura enquanto Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR). Esse fato auxiliou a manutenção, mesmo que tardia, de alguns dos faxinais presentes no Estado.

Os faxinalenses ainda na década noventa, impulsionados pelo início dos movimentos dos povos tradicionais brasileiros, também deram início à busca pelos direitos enquanto pertencente à categoria. Desta forma, o reconhecimento dos faxinais enquanto comunidades tradicionais estão relacionadas à um amplo movimento de lutas de diferentes povos brasileiros pelo reconhecimento e pela defesa de seus territórios. Os faxinais se diferenciam das demais comunidades rurais, pois nestes espaços se desenvolvem formas singulares de organização da vida, de práticas cotidianas e da relação em que o faxinalense mantém com o uso de seu território.

Os faxinalenses foram reconhecidos como Povos Tradicionais através do Decreto Federal de 13 de julho de 2006, e pela Lei Estadual 15.673/2007, que declara o reconhecimento dos faxinais e de sua territorialidade específica pelo Estado Paranaense. Com o reconhecimento dos faxinais enquanto pertencentes a esta categoria e com o avanço das organizações sociais em defesa dos mesmos, surgem debates relacionados a identidade e os territórios faxinalenses. Atualmente alguns outros decretos e leis amparam os faxinais paranaenses enquanto áreas de proteção e conservação.

Além dos criadouros comunitários, há também nos faxinais, de acordo com Cunha e Sahar (2005) as terras de uso particular, denominadas enquanto “terras de plantar”. Estes espaços são de uso privado. Segundo Little (2003) a existência de uma propriedade social (no caso dos faxinais estes seriam os criadouros comunitários) no interior do território de um grupo não implica necessariamente que toda a propriedade é coletivizada e que não há propriedade individual. Os espaços privados utilizados para plantar nos faxinais, de acordo com Cunha e Sahar (2005) se localizam perto dos criadouros, sendo desenvolvido a policultura. Chang (1988) também se refere às terras de plantar, segundo a autora essas terras se localizam geralmente nas encostas, em áreas mais íngremes e são separadas do criadouro através de um sistema de cercas e/ou valos.

O uso de terras no Paraná, principalmente nos faxinais, está imerso em um contexto de conflitos, que são ocasionados principalmente pelos diferentes interesses econômicos do agronegócio e das monoculturas da agricultura familiar. Essa questão é impulsionada pela falta de regulamentações fundiárias das propriedades nos faxinais.

### **O Cotidiano Faxinalense e o Faxinal da Cachoeirinha**

O período em que o faxinal da Cachoeirinha existiu enquanto forma de organização social e econômica, corresponde aproximadamente entre as décadas de trinta e oitenta do século

XX. Neste período, podemos observar mudanças, rupturas e permanências em diversos aspectos, que representaram a vivacidade do cotidiano dos moradores do faxinal.

Singular e único, o cotidiano faxinalense está pautado na relação em que os indivíduos estabelecem com seu espaço, com o trabalho, com a alimentação, com o lazer, etc. Alguns autores se dedicam a analisar o cotidiano, a vida cotidiana e a cotidianidade. Podemos citar Agnes Heller e Michel de Certeau, autores que oferecem instrumentais para elaborar uma análise crítica acerca do cotidiano faxinalense

Quando o cotidiano é abordado como algo a ser compreendido e não descrito, fica claro que os problemas apontados no dia a dia dos sujeitos são importantes e que a história não pode ser considerada apenas a partir dos grandes acontecimentos. Neste sentido, a construção histórica é forjada cotidianamente a partir de atores aparentemente invisíveis e não determinada somente a partir daquilo que lhes são exterior. O estudo da história do cotidiano deve considerar o movimento, pois a perspectiva contrapõe o entendimento da história estática. Através do cotidiano, visualizamos uma história em constante movimento, nas múltiplas relações, posições e deslocamentos, dessa forma, o cotidiano é permeado por constantes mudanças e permanências.

De acordo com Agnes Heller (1985) “o cotidiano é a vida do homem inteiro” (p. 17). Com isso, a autora quer dizer que para responder aos problemas que se colocam dentro do espaço e do tempo no qual vivemos, os sujeitos precisam mobilizar todas as suas potencialidades a fim de encontrar a melhor resposta para as necessidades do dia a dia. Nos faxinais isso é caracterizado pela necessidade dos faxinalenses em instrumentalizar a trabalho, seja para criar animais ou para praticar a agricultura. Pata Heller (1985) a vida cotidiana envolve atos básicos, como comer, andar, conversar, praticar, etc. Estes são os movimentos do cotidiano. Neste sentido, a experiência, as representações e as práticas do cotidiano nos fornecem uma chave para compreendermos o emaranhado histórico.

Para compreendermos a estrutura da vida cotidiana proposta por Heller (1985), se faz necessário inicialmente a problematização de dois elementos: que a vida social possui uma estrutura, e que o cotidiano remete a discussão do espaço e do tempo no qual vivem todos os homens. A autora entende que nosso espaço e tempo é vetado pela estrutura dos modos de produção, nesse sentido, todos os indivíduos estavam, estiveram, estão e sempre estarão dentro de uma determinada cotidianidade. Ou seja, estarão sempre dentro de um determinado espaço que é configurado pelo modo de produção. Partindo da ideia de que a vida cotidiana possui uma

estrutura, ou que o nosso espaço e tempo são dados pelos modos de produção e que possuem uma lógica interna, a vida cotidiana é a vida de todos os homens.

Na perspectiva adotada, a autora se refere a um cotidiano em meio ao espaço dos modos de produção capitalista, porém, os faxinais podem ser entendidos como antagônicos a este sistema. Fica a pergunta: Os faxinais não possuem um cotidiano por não estarem totalmente imersos no sistema capitalista? A resposta está na própria teoria de Heller, quando diz que todo homem possui uma cotidianidade por estar dentro de um modo de produção, não quer dizer que necessariamente este seja capitalista. Nos faxinais, mesmo que a organização do trabalho e da produção não seja pautada em relações econômicas capitalistas, há ainda uma forma de organização do trabalho e uma lógica econômica, e por isso há cotidianidade. É uma grande generalização, porque o fato de existir a cotidianidade dentro da sociedade capitalista ou dentro de uma outra sociedade, se trata de reconhecer que todos os sujeitos sempre estarão dentro de um determinado modo de produção, dentro de uma determinada forma de cotidianidade.

A forma de organização faxinalense, adotada por muitos povoados e comunidades rurais no Estado do Paraná há pelo menos três séculos, é pautada na maioria das vezes pela necessidade de sobrevivência. A formação dos faxinais está ligada diretamente aos atos cotidianos dos sujeitos, que adotaram práticas coletivistas com objetivo de garantir sua reprodução social. Os sujeitos, participantes da vida cotidiana faxinalense, mobilizam suas capacidades intelectuais e habilidades, ou seja, a capacidade de operacionalizar com as coisas e com a própria realidade. O faxinalense está em busca da resolução dos problemas que estão se apresentando a ele no dia a dia. A operacionalização objetiva frente os problemas que os faxinalenses encontraram no plano da vida cotidiana é sinônimo de assimilação das relações sociais.

### **A Agricultura de Subsistência no Faxinal da Cachoeirinha**

No faxinal da Cachoeirinha, a agricultura era praticada principalmente para fins de subsistência. Até a década de oitenta, os moradores adotavam a prática, que envolvia mais do que uma atividade econômica, pois possibilitava diferentes relações que se manifestavam de forma cotidiana, envolvendo os moradores e possibilitando uma rede de sociabilidade e uma cotidianidade.

Pelo menos a partir da década de trinta, desenvolveu-se no faxinal este “sistema agrícola”, inicialmente através das “roças de toco”, e posteriormente com a introdução dos arados de tração animal, as roças destocadas/aradas. De acordo Maria de Lourdes:

[...] aquele tempo plantava muito na queimada né, não era muito arado como hoje em dia, aquele queimadão assim. Não era fácil limpar os terrenos, o pai sempre roçava a capoeirinha né, até eu ajudava meu pai na roça também. Daí roçava a capoeira, esperava secar, aí tacava fogo, fazia a cera<sup>51</sup> pra não queima o mato, e daí a gente sameava na queimada e tinha que vira tudo na enxada, eu com o pai cobria os “trigais” assim de até meia quarta de chão, bastante né, mas tudo viradinho e coberto com a enxada, não tinha arado né<sup>2</sup>.

O processo descrito mostra como era realizado a preparação do solo para o plantio nas roças de toco, que consistia no plantio realizado em áreas limpas através de queimadas, qual só restava os restos de árvores que tinham sido cortadas anteriormente, ou em outras palavras, os “tocos”. A plantação dessa forma, era feita sobre a área queimada. As áreas que serviam para o plantio, chamadas de “capoeiras” ou “fundo grande” localizavam-se distante das residências dos moradores do faxinal, como destaca Maria de Lourdes: “A plantação já era lá na capoeira. Daí as pessoas morava aqui daí plantava longe, daí falavam as “capoeira”, ou “fundo grande”<sup>3</sup>.

Neste período que compreende os anos de trinta e oitenta no século XX, existia uma grande variedade de espécies cultivadas pelos moradores. De acordo Maria Dolores “naquela época nós plantava milho, feijão, amendoim, mandioca, até trigo nós plantava, abóbora, batatinha”<sup>4</sup>. Maria de Lourdes também relata que em sua família “[...] plantavam muita mandioca, arroz também [...] plantavam batata doce. Nós com meu pai e com minha mãe, meus avós eram bem velhos já, eles plantavam mais milho e feijão, né”<sup>5</sup>.

Considerando que a agricultura neste momento era praticada para fins de subsistência, podemos perceber que o cotidiano alimentar dos moradores era baseado em alimentos comuns ou como diz Maria de Lourdes, ao se referir a como era a alimentação no período “coisas que o brasileiro gosta”<sup>6</sup>.

A agricultura de subsistência era desenvolvida como uma forma de sobrevivência, pois até certo período, como destaca Maria de Lourdes, “ninguém tinha salário, pra vende as coisa não podia vender também, tinha que engorda o porco pra fazer banha”<sup>7</sup>.

[...] aquele tempo plantava só pra come, não tinha pra quem vender mesmo  
[...] nós uns tempos tinha feijão de sobra, ponhava nos saquinho. Eu que tinha

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

<sup>3</sup>Ibidem.

<sup>4</sup>Entrevista concedida por Maria Dolores Galvão à Cleusi Bobato Stadler, em 13/05/2019.

<sup>5</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

<sup>6</sup>Ibidem.

<sup>7</sup>Ibidem.

que ir de carroça pra cidade, e levava um saco de arroz pra descasca. Não achava pra quem vende, feijão a gente levava e voltava com o saco de feijão<sup>8</sup>.

Neste período no faxinal da Cachoerinha, havia uma baixa introdução das relações capitalistas, uma vez que, como diz Maria de Lourdes: “salário ninguém tinha”. Pela falta de dinheiro dos moradores na época, estes utilizavam seus bens, principalmente terrenos, como pagamento de dívidas na cidade e na bodega do faxinal. Segundo ela, “[...] tinha uma bodeguinha, era do T. A. tinha as coisinha pra vende, ele chegava a compra terreno. Daí o povo, muitas vezes não tinha dinheiro pra compra as coisa e comprava dele, daí ele tirava do terreno”<sup>9</sup>.

A preparação do solo para o plantio, o plantio e a colheita, eram por muitas vezes realizados através dos “puxirões”, prática que consiste em um:

[...] sistema de entre ajuda sem data pré-fixada. Reúnem-se os interessados, para semear, carpir, roçar, fazer a colheita, para a construção ou reparação de cercas e de portões comunitários, para construção de casas, ou qualquer outra empreitada que exija mão de obra bastante (STADLER, 2019. p.19).

De acordo com Stadler (2021) os puxirões eram uma prática comum entre os faxinalenses de Imbituva-PR. Estes se davam através do trabalho comunitário, principalmente para:

[...] carpir as lavouras, arrumar as cercas, ou até mesmo colher os produtos em época de colheita. Essa prática era chamada de “puxirão ou mutirão”. Os faxinalenses se reuniam ao amanhecer, tomavam o café juntos, iam para o trabalho até à tardinha e depois como forma de agradecimento pelo serviço prestado, o dono da propriedade oferecia um jantar e um baile para o divertimento. Era uma organização de trabalho e de sociabilidade dos faxinalenses (Ibidem, p. 238).

Os puxirões realizados pelos moradores da comunidade faxinalense da Cachoerinha não eram realizados apenas no próprio faxinal, pois como já destacado, as roças eram distantes das residências, sendo que neste sentido, por muitas vezes, a prática dos puxirões envolvia mais do que apenas os próprios moradores. Maria de Lourdes relata sobre como os puxirões eram realizados:

[...] todo mundo plantava né, pra você vê, as capoeira era tudo muito longe né. Lá no Jararaca, lá pra diante dos Lemes, lá tudo é longe. Dai o pessoal fazia a roça e dizia nós imo se reuni, dizia eu quero tantas pessoa lá pra trabalha daí trocamos o dia. Hoje nós imo trabaia pra um, daí vocês... a roça era tão sujo, nós imo todo mundo naquela roça lá e limpa tudo lá, e dai outra dia ia na outra

---

<sup>8</sup>Ibidem.

<sup>9</sup>Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

casa, reunia aí 15, 20 até 30 pessoa... que plantava. Dai a pessoa levava comida, levava almoço, levava café, levava tudo. Fincava uma “arapuca”, um paió ou armava uma barraca lá no meio do mato e cozinhava, e aquele povo tudo vinha come, de graça né. [...] Dai outro dia ia na outra roça, limpavam tudo lá, aquela fila véia de gente ia longe, até lá, tudo os “carpidô” assim. O eito ia de vereda né, quando você vê já tava lá em cima já, já tinha carpido tudo já. Era o tar puxirão. [...] Na Cachoerinha quase tudo as pessoa era gente conhecida e parente né, daí os puxirão era assim, tudo mundo ia come na casa do puxirão outro dia outro ia faze lá, fazia compra e dava de come a turma né. Daí limpava as roça mais fácil, saia tudo num dia às vezes, meio arqueire de chão, uma quarta, uma quarta e meia de roça ai, conforme os trabalhador, era pouco tempo, de tarde tava tudo limpo<sup>10</sup>.

Maria Dolores também se refere à realização dos puxirões, segundo ela:

O povo fazia assim roça bastante, dai trocavam dia. Dai nós fizemos quantas vezes puxirão, daí a gente fazia um compra né, e dava de comer os trabalhador. Daí marcava os dias, tal dia o fulano vai lá, outro fulano, dai reunia bastante os companheiro, tudo. Tinha gente que ia, carpiram tudo a roça, que faz assim de queimado, fazia aqueles puxirão, tinha puxirão que tinha 40, 50 pessoas. [...] As compadRARADA né. [...] Iam de carrocinha. No final daí fazia um bailão<sup>11</sup>.

Podemos analisar a prática dos puxirões como uma forma de tornar o trabalho na “roça” menos difícil, ou como diria Certeau (2014), uma forma de micro resistências cotidianas ou “táticas”, desenvolvidas pelos sujeitos com a intenção voltada à sobrevivência em meio ao cotidiano, para ter uma vida menos desconfortável.

A prática dos puxirões parece ter sido extinta com a mudança das áreas de plantar para próximo das casas dos moradores, no próprio faxinal. A introdução dos arados também pode ter contribuído para isso, pois em todos os momentos em que as moradoras se referem aos puxirões estas relacionam estes às “roças de toco”, utilizadas anteriormente ao uso dos arados.

A introdução dos primeiros arados manuais se deu por volta do início da década de setenta, levando ao abandono das “roças de toco”, que começaram se ser substituídas pelas roças aradas. Maria de Lourdes relata que:

O primeiro arado que eu conheci foi do meu sogro, que compro. Era bem de vida né, não sei como, mas inventaram um arado de pau, era tudo de madeira, só a rodinha que era de ferro né. Daí foi ele que começo a arar, daí a turma que começaram vê começaram copiar. Daí as coisas foram evoluindo, compravam aqueles arado de ferro<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Maria Dolores Galvão à Cleusi Bobato Stadler, em 13/05/2019.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

O arado dessa forma, facilitou o processo de preparação do solo e por conseguinte mudou também a forma que a agricultura era praticada. No início aqueles que já tinham o arado, (como era o caso do sogro de Maria de Lourdes) prestavam serviço arando as terras para os outros moradores que ainda não o possuíam. Por volta da década de setenta, com a introdução dos arados, a agricultura de subsistência já apresentava algumas mudanças em relação a como era nas décadas anteriores, principalmente por conta da diminuição do tamanho dos terrenos das famílias, o que culminou na alteração das espécies cultivadas e na forma de cultivo. De acordo com Maria de Lourdes: “O pai já era diferente né, o pai, como o terreno já era pouco né, o que mais tinha era meu avô. O pai alugava, plantava trigo e centeio porque minha mãe era metida a polaca né, gostava da farinha de centeio, né, Broua”<sup>13</sup>.

As mudanças ocorridas na agricultura praticada no faxinal da Cachoeirinha e nos demais faxinais estão relacionadas ao contexto estrutural de transformações ocorridas no campo brasileiro como um todo, principalmente pela influência da Revolução Verde, que trouxe uma nova política agrícola desenvolvida no território brasileiro com fomento governamental. A Revolução Verde ocorrida no espaço rural brasileiro nos anos 60 e 70 teve como prioridade o “subsídio de créditos agrícolas para estimular a grande produção agrícola, as esferas agroindustriais, as empresas de maquinários e de insumos industriais para uso agrícola – como tratores, herbicidas e fertilizantes químicos” (Moreira, 1999, p. 81). Para além do faxinal da Cachoeirinha, durante a segunda metade do século XX houve um aumento da desigualdade social no mundo rural brasileiro. O período ficou marcado pelo fomento ao “desenvolvimento” das regiões rurais, porém, ocorreu de forma desigual, que pode ser relacionada à

[...] própria natureza do capitalismo na formação social brasileira e da tradição das políticas públicas e governamentais que nortearam nossas elites dominantes, seja na área econômica, seja no próprio campo político de definição de prioridades.[...] é também uma crítica ao modelo concentrador e excludente da modernização tecnológica da agricultura brasileira, socialmente injusto. A elevada concentração da propriedade da terra e a desigual distribuição da propriedade dos recursos produtivos de origem industrial conformaram uma formação social capitalista no Brasil de forte exclusão social (MOREIRA, 1999, p. 45).

A “modernização” da agricultura ocorrida neste período no Brasil atuou em função de diferentes grupos, empenhados no “desenvolvimento econômico” do país. De acordo com Silva (2007) o esforço brasileiro de aumentar a produção por meio do emprego de tecnologias

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

modernas com o propósito de acelerar a produtividade do solo e do trabalho foi seguida por uma maior concentração de terra, pela desigualdade e pelo isolamento rural.

Na comunidade faxinalense da Cachoeirinha só houve de fato uma mudança na lógica agrícola produtiva a partir da década de oitenta, quando houve a introdução do cultivo do fumo, fato que levou ao fim da prática da agricultura de subsistência. Contudo, mesmo com a introdução do cultivo do fumo a utilização das técnicas de limpeza e a utilização dos arados persistiu durante muitos anos, até que se tivesse a introdução dos tratores e equipamentos agrícolas.

### **A Criação de Animais em Comum no Faxinal da Cachoeirinha**

A criação de animais soltos no faxinal na Cachoeirinha também representa uma prática de sobrevivência que envolve um processo de instrumentalização do trabalho. Segundo Campigoto e Sochodolak (2008) nos faxinais: [...] as casas são dispostas no interior da área cercada, sendo boa parte delas protegidas por um cercado menor, ao entorno dos quais as criações circulam livremente. As entradas e saídas destas áreas são protegidas por porteiros e cancelas, ou por uma espécie de pequena ponte, construída sobre um vão escavado especialmente para tal fim (Ibidem, p.181).

Assim como na maioria dos faxinais, no da Cachoeirinha uma das práticas cotidianas desenvolvidas era a criação de animais soltos. Prática que acabou aproximadamente entre as décadas de oitenta e noventa. De acordo com Maria de Lourdes “antigamente era tudo solto e não faz muito tempo que isso aí mudou. Nós tinha cabrito e carneiro tudo solto, e vaca também, era tudo solto”<sup>14</sup>. Maria Dolores também se refere à criação solta de animais, segundo a moradora: “Era solto, tudo solto, era cavalo, vaca, porco, tudo era solto [...] não tinha separação”<sup>15</sup>.

Nas áreas de faxinal, de acordo com Carvalho (1984), os moradores praticam através dos “criadouros comunitários”, a criação de animais soltos de forma coletiva, porém, de acordo com Maria de Lourdes, não era esse o termo utilizado ao se referir ao espaço destinado a criação de animais na Cachoeirinha. Em vez de criadouro comunitário, a moradora usa o termo “invernada”, como percebemos em seu relato: “Aqui nós tinha uma “invernada”, fechada de uma altura pra baixo, daqui até ali no C.N. também, era fechado até lá”<sup>16</sup>. Diferente de Maria de Lourdes, Maria Dolores se refere ao espaço para criação dos animais como totalmente

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Maria Dolores Galvão à Cleusi Bobato Stadler, em 13/05/2019.

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

abertos. A própria Maria de Lourdes por diferentes momentos relata que os animais fugiam pela inexistência de cercas, mas em outro momento, como já destacado, se refere a invernada como um espaço fechado. Temos dessa forma, a possibilidade de que a criação de animais em comum no faxinal da Cachoeirinha se deu de duas formas. Primeiramente, através do espaço equivalente ao “Criador Aberto” (Souza, 2009), onde não havia a existência de cercas, e em um segundo momento, através de espaços cercados, na invernada, como relata Maria de Lourdes.

Na invernada a prática de criar os animais de diferentes donos continuou a ser realizada. A diferença da invernada para o criador aberto, inicialmente utilizado, é que nesta o espaço destinado aos animais foi limitado através da construção de cercas, restringindo dessa forma o espaço e limitando a fuga dos animais. Durante o uso do criador aberto, as cercas eram construídas em voltas das áreas de plantar, diferente do uso da invernada, que é o espaço cercado para a criação de animais em comum.

A invernada no faxinal da Cachoeirinha tinha, segundo Maria de Lourdes, 32 alqueires de área, sendo delimitada pelas cercas construídas pelos moradores e pelos rios e riachos. As cercas eram construídas para delimitar o espaço aberto para criação de animais das lavouras (áreas de plantio), que neste momento já era realizada próximo as residências dos moradores.

Vários moradores da comunidade faxinalense utilizavam este espaço da invernada para criar seus animais. Mas este não era o único uso coletivo que se percebe no espaço, os moradores também praticavam a pesca nos rios que a delimitavam, “catavam” pinhão, colhiam guabiroba, arará e erva-mate, além de desenvolver uma série de práticas sociais e culturais que envolviam o espaço, como relatados pelas moradoras.

Com a construção das cercas na invernada, os animais foram perdendo a liberdade de deslocamento, no início, como relata Maria de Lourdes, “tudo era solto, daí tiveram que parar de criar os carneiro porque os cachorro tavam comendo, os cabrito começaram a sai muito longe daí tiveram que para, começaram a cria só os porcos fechados”<sup>17</sup>. Temos aí uma mudança muito grande no cotidiano dos animais, principalmente os cabritos, carneiros e porcos, que passaram a ser criados em espaços fechados, na invernada ou em poteiros e chiqueiros. Os porcos anteriormente à construção das cercas, segundo Maria de Lourdes:

[...] quando eles tinham liberdade, tinha dia aí que nós tinha vinte, trinta porco pra fora [...] Saíam as porca mais velha e os leitão, se mandavam, pegavam aqui a estradinha que e ia lá pro jararaca, e a gente pensava, eles tão lá pela beiras dos rios né, campiano coisa pra come. Soltava (os animais), eram bastante, eles pegavam pra estrada, uma vez foram acha as vaca lá quase... pra

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

diante da Barra Bonita, uma vaca um terneiro e um boi, se mandaram pra estrada e foram parar lá, daí souberam notícia e foram busca. Iam nos campo de Imbituva, os cavalo que maior parte era do meu sogro, quando verem cadê a mula com o cavalo, tavam lá no O. A, naqueles campo pra cima da ponte, ou até lá na estrada do Imbituva<sup>18</sup>.

A criação de animais no faxinal após a construção das cercas e do fechamento do criador aberto, não era realizada apenas na internada. Em alguns casos estes eram fechados em espaços de uso privado, por diferentes motivos, por exemplo, para fazer a “engorda” do animal, para servir de alimento posteriormente e para tirar leite e dar o “trato”. Neste momento, existiam, de acordo com Maria de Lourdes, três tipos de espaços para criar animais, o grande e de uso comum denominado internada, e o pequeno, restrito para uso individual, chamado de “potreiro”, e os fechados com tábuas, exclusivos para o gado e ainda menores chamado “mangueira”.

Percebemos que havia no faxinal todo um sistema de organização comunitária para a criação dos animais, os espaços eram divididos de acordo com as necessidades de cada morador, sendo que cada um era responsável por fechar seus terrenos que teriam outro uso além da internada ou do criador aberto.

[...] ali tinha uma “mangueira” pra coloca as vacas, daí nós deixava o gado a maior parte do gado fechado né. [...] é tipo potreiro, o pedaço pequeno é o “potreiro”. Eram lugar de criação, né, diziam o cavalo tá no potreiro, a vaca tá no potreiro, mas era pequeno né, o maior era a “internada”. Os animais das famílias ficavam tudo junto<sup>19</sup>.

O cercamento do espaço de criação começou na década de oitenta, de maneira gradual. No início, os moradores que optassem por realizar a plantação dentro do espaço onde era o criador comum, deveriam cercar sua lavoura. Em decorrência do não cumprimento do acordo por parte de alguns moradores, que não construíram cercas e tiveram suas plantações invadidas pelos animais, muitos moradores passaram a adotar o uso dos potreiros e das mangueiras, como uma forma de fechar os animais em um espaço de uso particular. Deste modo, o criador comum deixou de ser um espaço que todos usufruíam comumente, prejudicando desta maneira as relações que ali se desenvolviam entre vários moradores do faxinal

O cercamento de áreas do espaço do criador dentro do faxinal da Cachoeirinha traz mudanças no cotidiano dos moradores e dos animais. A constituição e formato das mangueiras não tem somente o objetivo de fechar os animais, mas busca também tornar o espaço particular

---

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Maria de Lourdes do Carmo Santos à Dener Santos, em 14/01/2022.

e restringir a entrada de outros moradores. A função principal das mangueiras e dos poteiros é limitar o espaço, em um sentido de individualizar o uso.

Podemos considerar que o cotidiano faxinalense é permeado por práticas e saberes tradicionais, que são experienciados pelos faxinalenses como uma forma de instrumentalizar suas atividades diárias, facilitando os processos e garantindo sua sobrevivência. O faxinal da Cachoeirinha sofreu diversas mudanças a partir da década de oitenta. Estas mudanças, de diferentes ordens, afetaram o cotidiano dos moradores fazendo com que muitas vezes os induzissem a ressignificar suas práticas e saberes para se adaptar às transformações ocorridas, que não se restringem apenas ao faxinal, mas nos demais faxinais e no campo paranaense como um todo.

Neste sentido, analisar apenas as práticas e saberes não dão conta de compreender os processos políticos, econômicos e sociais de transformação. Devemos então considerar que a existência de um cotidiano faxinalense pressupõe um “não-cotidiano” faxinalense, baseados na concepção de Heller (1985), sobre a cotidianidade. O cotidiano é o resíduo do não-cotidiano, ou seja, os “sistemas de poder (religião, a filosofia, a política, a estrutura, etc.) produzem resíduos que lhes resistem e escapam” (LEFEBVRE, 1967, p.68), dando origem ao cotidiano. Dessa forma, há uma relação dialética entre o cotidiano (vida) e o não-cotidiano (estruturas e sistemas). Isso significa que todo homem nasce no cotidiano, mas ao interagir, apreender e produzir reflexões sobre o mundo, sejam elas filosóficas, religiosas ou políticas, adentraria na dimensão não-cotidiana. O cotidiano, neste sentido é “constituído dos movimentos humanos que não são sistematizados em normas, leis, instituições e outras articulações de poder” (JOSGRIELBERG, 2014, p.93).

O faxinal da Cachoeirinha durante a segunda metade do século XX passou por diferentes transformações, principalmente pela progressiva introdução das relações capitalistas e pelo fim da agricultura de subsistência e da criação de animais soltos. O cotidiano dos moradores neste período, permeado por fortes relações comunitárias, passou a sofrer o impacto das mudanças sociais e econômicas e, dessa forma, fazendo com que os moradores passassem a se adaptar frente as novas relações estabelecidas, ressignificando suas práticas cotidianas e fazendo com que a comunidade perdesse suas características faxinalenses.

### **Considerações Finais**

Podemos perceber através deste artigo que os principais elementos que constituem o cotidiano faxinalense estão relacionados às práticas e saberes que permeiam a

instrumentalização do trabalho para a agricultura e para a criação de animais. Porém, para compreendermos as mudanças em relação as práticas agrícolas e à criação de animais devemos analisar também aspectos não-cotidianos, como as políticas de modernização e introdução das relações capitalistas no campo.

Nosso objetivo foi buscar resolver algumas problemáticas sobre o faxinal da Cachoeirinha. A principal delas foi compreender como ocorriam as interações sociais cotidianas e como os faxinalenses buscavam instrumentalizar suas práticas de trabalho. O que chamamos de cotidiano faxinalense, passou a ser alterado na medida em que houve transformações políticas e econômicas no campo paranaense, a partir da década de 1970, quando os modelos utilizados para a agricultura e para a criação de animais passa a ser voltada para finalidades econômicas capitalistas.

Diversas mudanças ocorreram na Cachoeirinha durante o período analisado. Destacamos as ocorridas em relação às práticas agrícolas, que deixam de ser desenvolvidas para a subsistência e passam a ser voltadas para a lógica de mercado. Destacamos também as mudanças nas formas em que os animais eram criados, através dos cercamentos e do estabelecimento de um “regime de cercas” (MARIN, 2009) que alteraram significativamente o cotidiano dos moradores e dos próprios animais.

Como síntese, compreendemos que a cultura e as tradições presentes no faxinal designam uma forma particular de organização, de relacionamento entre as pessoas e com a natureza. Essas tradições e práticas culturais são repassadas e aprendidas por meio da memória e de um sistema de relações estabelecidas entre os moradores, tendo como principal referência o acumulado cultural dos povos nativos e imigrantes.

### Fontes

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 fev. 2007.

PARANÁ. Decreto Estadual nº 3.446, de 25 de julho de 1997. Cria as Áreas Especiais de Uso Regulamentado - ARESUR no Estado do Paraná e dá outras providências. Diário Oficial do Estado do Paraná, Curitiba, nº 5067, 14 ago. 2006.

### Referências

CAMPIGOTO, José Adilçon; SOCHODOLAK, Hélio. Os Faxinais da região das araucárias. In: OLINTO, Beatriz Anselmo; MOTTA, Márcia; OLIVEIRA, Oséias de (orgs.). **História agrária: propriedade e conflito**. Guarapuava: Ed. Unicentro, 2008.

- CARVALHO, Horácio Martins de. **Da aventura à esperança**: a experiência autogestionária no uso comum da terra. Curitiba: mimeógrafo, 1984.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHANG, Man Yu. **Sistema Faxinal**: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná. Londrina: IAPAR, 1988. 121 p. (Boletim Técnico, nº 40).
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- JOSGRILBERG, Fabio. "Cotidiano e Sujeito Ordinário". In: **Dicionário de Comunicação**: Escolas, Teorias e Autores. São Paulo: Contexto, 2014.
- LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília: UNB, 2003. (Série Antropologia, nº 322).
- MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Quilombolas na Ilha de Marajó: território e organização política. In: GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (orgs.). **Diversidade do campesinato**: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. p. 209-228. Vol. 1.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. Rachar as palavras. Ou uma história a contrapelo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 37-63, jun. 2006.
- MOREIRA, Roberto José. **Agricultura familiar**: processos sociais e competitividade. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- ROCHA, Eliana do Pilar; MARTINS, Roberto de Souza. Terra e Território Faxinalense no Paraná: notas sobre a busca de reconhecimento. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1, 2007.
- ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura**. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2007.
- SAHR, Cicilian Luiza Löwen. Povos tradicionais e territórios sociais: Reflexões acerca dos povos e das terras de faxinal do bioma da mata com araucária. In: **Anais do III Simpósio Nacional de Geografia Agrária**, Presidente Prudente, 2005.
- SAHR, Cicilian Luiza Löwen; IEGELSKI, Francine. **O sistema Faxinal no município de Ponta Grossa**: diretrizes para preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das comunidades e dos espaços faxinalenses. Ponta Grossa: Prefeitura de Ponta Grossa, 2003. (Relatório Técnico, p. 108).
- SILVA, Patrícia Santos. Tecnologia e meio ambiente: o processo de modernização da agricultura familiar. **Revista da Fapese**, v. 3, n. 2, p. 87-100, jul./dez. 2007.
- SOUZA, Roberto Martins de. Mapeamento Social dos Faxinais no Paraná. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; SOUZA, Roberto Martins de (orgs.). **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, 2009. p. 29-88.
- STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. Espaço Geográfico, Práticas Sociais e Patrimônio Cultural nas Comunidades Faxinalenses de Imbituva. In: KOSS, Lucimara; SILVA, José Junio da; COSTA, Lourenço Resende da (orgs.). **Faces do Paraná**: (I)migrações, cultura e identidades. Maceió: Olyver, 2021. cap. 9, p. 229-246.
- STADLER, Cleusi Teresinha Bobato. **Imbituva e suas Histórias**. 1. ed. São Leopoldo, RS: Oikos, 2019. v. 1. 400p.